

NARRATIVAS FICCIONAIS DA PRIMEIRA INFÂNCIA DE TERREIRO: GESTOS E MODOS DE CONHECER

MARIA LAURA ROMAN MACHADO DIAS¹;
RITA DE CÁSSIA TAVARES MEDEIROS²;

¹*Universidade Federal de Pelotas - marialaurardias.ufpel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar narrativas ficcionais produzidas no grupo de pesquisa *Omó Kékèrè - Primeira Infância de Terreiro*, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, inserido na grande área das Ciências Humanas, com interfaces no campo da educação e da saúde, e compõe as atividades do “Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, e ao Curso de Pedagogia da UFPEL.(ALVES & MEDEIROS, 2022).

Pesquisamos em oito terreiros espalhados por cinco cidades do Brasil: Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, pertencentes ao Rio Grande do Sul; São João do Meriti e Araruama, pertencentes ao Rio de Janeiro. Somos um grupo grande de mais de quinze pesquisadores envolvidos com o objetivo de compreender de que modo crianças na primeira infância produzem culturas infantis de terreiro e experienciam o racismo e o racismo religioso em espaços de acesso a políticas públicas de saúde e de educação.

2. METODOLOGIA

Como o nosso acervo de dados, coletados desde 2022, é muito extenso, tomamos como recurso epistemológico, a construção de narrativas ficcionais, de maneira a preservar a identidade das crianças e os elementos segredados do culto afro-brasileiro, ao mesmo tempo em que possibilita reflexões sobre os modos pelos quais crianças na primeira infância produzem culturas infantis de terreiro, afirmindo-se como sujeitos de tradição, memória, formação de personalidade e invenção.

Neste texto, trazemos um recorte da pesquisa, a partir de cinco narrativas compartilhadas com o grupo de pesquisa *Omó Kékèrè - Primeira Infância de Terreiro, junto aos diários de campo e demais dados*. As narrativas foram elaboradas a partir de vivências, memórias e observações, buscando compreender os gestos e modos de conhecer presentes na primeira infância em contextos de terreiros.

Cada narrativa constituiu-se como registro de dados, assumindo caráter ficcional e memorialístico, e foi analisada individualmente, considerando os elementos centrais de cada relato. Logo, possibilitou identificar e interpretar os sentidos atribuídos à infância, às experiências corporais e aos modos de conhecer mediados pela oralidade, pela dança, pela música, pelo brincar e pela

religiosidade. Para aprofundamento do estudo, foram utilizados três eixos de análise: *ancestralidade* e *religiosidade*, entendidas como dimensões que atravessam a infância e orientam gestos e aprendizados no terreiro; *personalidade* e *responsabilidades das crianças de terreiro*, que revelam modos singulares de se posicionar, observar, corrigir e assumir papéis na comunidade, ora no presente, ora no futuro; e *modos de conhecer*, relacionados às formas de aprender e compreender o mundo por meio da observação, imitação, experimentação e imaginação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o eixo *ancestralidade* e *religiosidade*, percebemos que esses elementos são pilares da experiência infantil nos terreiros. Não se apresentam apenas como pano de fundo, mas como parte constitutiva dos modos de ser, agir e conhecer das crianças. A infância nesses contextos é vivida em relação direta com o sagrado, moldada pelas divindades, tradições e práticas transmitidas intergeracionalmente. O terreiro se configura como território de etnosaberes, onde a ancestralidade orienta os saberes e fazeres e constitui uma base multirreferencial de aprendizagem (SILVA E SANTANA, 2021).

A *ancestralidade* não se restringe à memória do passado: atualiza-se nas práticas rituais. Ao cantar, dançar, tocar, imitar gestos dos mais velhos ou repetir expressões ritualísticas, as crianças reavivam e recriam a tradição, tornando-se guardiãs da memória coletiva e agentes de sua renovação. Observa-se que a participação das crianças em festas e rituais, constitui espaço privilegiado de atualização das tradições, nas quais memória e cultura se renovam continuamente (DELGADO, 2008).

A *religiosidade*, por sua vez, é integral e atravessa o cotidiano. Valores como respeito, cuidado, partilha e pertencimento, são absorvidos pela participação em ritos e práticas, e não apenas pela instrução formal. Nas palavras de Silva e Santana (2021, p. 101), “nas culturas de participação, como o candomblé, o conhecimento é construído no vivido, no aqui e agora”, logo, estar em um *xirê*, ouvir as rezas, observar os mais velhos ou sentir a vibração do tambor constituem formas legítimas de conhecimento, em que corpo, memória e espiritualidade se entrelaçam.

Essa perspectiva contrasta com a visão ocidental hegemônica da infância como etapa de “incompletude”. Enquanto o pensamento eurocêntrico frequentemente coloca a criança em condição subalterna, silenciando sua agência (MORUZZI; ALONSO, 2020), nos terreiros a criança é um sujeito ativo, capaz de experienciar o sagrado e atualizar a ancestralidade. Como afirmam Moruzzi e Alonso (2020, p. 659), “a criança é subalternizada por não se comunicar tal como o adulto, por não pensar tal como o adulto”, mas a vivência no terreiro rompe com essa lógica ao reconhecer o “criançar” como prática ancestral: ao brincar, a criança aprende, ensina e se insere na tradição.

Outro eixo revelado nas narrativas é o da *personalidade* e *responsabilidades das crianças de terreiro*. Elas não aparecem como sujeitos passivos, mas como integrantes plenos da comunidade, reconhecidos por sua capacidade de observar, corrigir, participar e ensinar. As crianças não apenas participam, mas também transformam e atribuem significados às práticas

coletivas, revelando sua agência cultural (DELGADO, 2008). Nesse sentido, sabem equilibrar ludicidade e responsabilidade, transitando entre o brincar e o cuidar de objetos rituais, chamar atenção de quem erra e demonstrar autonomia. Essas responsabilidades moldam personalidades marcadas por valores como respeito, coletividade, disciplina e coragem — não como imposição adulta, mas como reconhecimento de sua importância para a continuidade da tradição.

Por fim, os *modos de conhecer* nos terreiros extrapolam o ensino formal. As crianças aprendem observando, imitando cantigas, danças e gestos, recriando práticas e experimentando o pertencimento. O corpo é central nesse processo: veículo de memória, tradição e invenção, por meio do qual se unem razão, emoção, espiritualidade e ancestralidade. Conforme apontam Silva e Santana (2021, p. 101), “o corpo se configura como uma das bases suleadoras do entendimento acerca do território e das identidades”. Do mesmo modo, as crianças produzem cultura por meio de múltiplas linguagens e expressões, revelando sua potência criadora (MORUZZI E ALONSO, 2020).

Esses saberes, muitas vezes invisibilizados pela escola, constituem uma pedagogia viva, em que o *criançar* é aprender e ensinar, sentir e compreender. Assim, a infância nos terreiros se afirma como espaço legítimo de produção de conhecimento, vivido em sua plenitude e marcado pela coletividade, corporeidade e espiritualidade.

4. CONCLUSÕES

As análises desenvolvidas permitem compreender que a infância nos terreiros, se constitui como espaço de formação de personalidades marcadas pelo pertencimento comunitário, pelo respeito às hierarquias e pelo compromisso com a continuidade da ancestralidade, mas também pela vivência de ser criança. Desde cedo, as crianças assumem responsabilidades que não lhes são impostas de forma externa, mas reconhecidas e absorvidas de forma natural como parte do viver coletivo, o que confere à sua trajetória valores de disciplina, cuidado, solidariedade e coragem.

Nesse processo, os etnosaberes da vivência se revelam como núcleo da aprendizagem. O saber não se transmite apenas pela instrução formal, mas pela experiência compartilhada: observar os mais velhos, repetir rezas, cuidar de objetos e rituais, participar de *xirês*. A vivência das crianças é ativa. É nesse cotidiano ritual e comunitário que corpo, memória e espiritualidade se entrelaçam, moldando identidades e orientando modos de ser e estar no mundo.

Assim, a infância nos terreiros reafirma-se como promessa de futuro, não por ocupar um lugar de espera, mas por assumir, no presente, a tarefa de manter tradições e manter a ancestralidade no presente e futuro. As crianças, ao vivenciarem a religiosidade como experiência integral, tornam-se guardiãs da memória e criadoras de novos sentidos. Concluir este estudo é, portanto, reconhecer a centralidade da infância nos processos de continuidade cultural e espiritual, e afirmar que sua agência é constitutiva da vitalidade dos terreiros e de seus modos plurais de existir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. (Org.). **Culturas infantis de terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022.

SILVA, H. M. S.; SANTANA, M. de. Ewé ó!: crianças de terreiro e seus etnosaberes. *ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade*, Jequié, v. 6, n. 2, p. 96-115, 2021.

MORUZZI, A. B.; ALONSO, G. Bebês e crianças bem pequenas no debate sobre cultura infantil. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 653-675, 2020.

DELGADO, A. C. C. A participação das crianças e suas culturas em festas comemorativas: relatos de uma pesquisa com crianças. *Interacções*, Lisboa, n. 10, p. 58-76, 2008.